

Da propaganda da guerra nos governos da “União Sagrada”, à construção de uma máquina de propaganda política, em plena ditadura, ao serviço do militar e catedrático Sidónio Pais (1916-1918) – JORGE PAIS DE SOUSA

Universidade de Coimbra e Ceis 20

jorgepaysousa@netcabo.pt

O objectivo geral da comunicação é analisar em linhas gerais o processo de criação de uma máquina “moderna” de propaganda de guerra, concebida originariamente como mais uma das dimensões que a “guerra total” impunha aos países beligerantes e que, neste sentido, caracterizou também a participação portuguesa na I Guerra Mundial, sobretudo, no teatro de guerra europeu. Posteriormente, pretendemos mostrar que foi em plena ditadura sidonista que esta máquina de propaganda é transformada e dirigida, no sentido de ser colocada ao serviço da política presidencialista e do poder pessoal do militar e catedrático Sidónio Pais.

Então, num primeiro momento, aborda-se a constituição de um gabinete civil - vocacionado para a chamada “guerra de gabinetes” - pelo ministro da Guerra Norton de Matos, durante os governos da União Sagrada, e identificam-se quais os seus elementos responsáveis e as respectivas áreas de trabalho em matéria de propaganda pela imagem. Apontam-se as duas principais revistas de propaganda de guerra editadas e dirigidas para um público estrangeiro. Refere-se a encomenda da escrita da *Cartilha do Povo* a Jaime Cortesão. Na sequência, foi criado no ano de 1917 o Serviço Fotográfico do Corpo Expedicionário Português (CEP) e também a Secção Cinematográfica do Exército, e alude-se à produção de imagens fixas e em movimento.

Num segundo momento, e uma vez afastado Afonso Costa e o PRP/Partido Democrático do poder pelo golpe de Estado instaurado por Sidónio Pais, a 5 de Dezembro de 1917, assiste-se à criação em Paris, logo em Janeiro de 1918, do primeiro organismo governamental vocacionado para a informação e a propaganda da guerra no estrangeiro, bem como à sua transformação num organismo de contra-informação ao serviço da política sidonista. Enquanto na frente interna, Sidónio Pais procede à fusão dos serviços militares de propaganda de guerra e coloca-os ao serviço da sua política

pessoal, numa óptica consciente de construção do seu carisma político. Assinalam-se, ainda, as consequências políticas da afirmação durante a guerra da estética do modernismo da geração de “Orpheu” e também da vanguarda futurista no final do ano da guerra de 1917.

Conclui-se mostrando que, também no domínio da propaganda, a ditadura de Sidónio Pais, instaurada em pleno decurso da I Guerra Mundial, foi pioneira e soube apropriar-se deste instrumento da máquina de guerra “moderna” para a colocar ao serviço do seu projecto político.